



O Gigante do Alto da XV.

Rosane Godoi

Sempre tive vontade de falar dele, de me ajoelhar diante dele e render-lhe graças pelas grandes lições que lá aprendi e pelas lindas lembranças que guardo no coração, pois a memória esquece.

Um prédio no alto da Rua XV de Novembro, construção do início do século passado, imponente, grandioso, uma fortaleza cercada de altos muros e grandes cedros. Domina a paisagem urbana com suas janelas retangulares a espreitar o Vale do Iguaçu, como que a vigiar, a velar por nós enquanto dormimos.

Não se trata de nenhum palácio, mas de um templo, a casa das irmãs Servas do Espírito Santo, mas também o templo do conhecimento e do saber, o Colégio Santos Anjos.

Nobre e majestoso, começou junto a com a cidade, sua história confunde-se com a história de nossa gente. Por suas salas e bancos, por seus corredores imensos passaram grande parte das famílias, personalidades locais, nomes que ficaram na história do município de Porto União.

No início apenas moças eram admitidas, recebiam sua instrução e dali saiam as normalistas em seus uniformes impecáveis: saia plissada azul marinho, camisa branca, gravata azul da cor da saia, meia três quartos branca, lisa (a minha tinha um pompom, uma rebeldia) e sapato preto sem salto.

Quando entrei para o colégio já admitiam meninos e naquele ano permitiram que usássemos calça comprida no inverno, mas somente no rigoroso inverno quando a temperatura estivesse muito baixa, reiterava a irmã-diretora com toda a sua austeridade.

O internato recebia moças, na sua maioria do interior, algumas por falta de opção saiam de casa e deixavam a roça para servirem ao Senhor.

Anos dourados que coroaram a cabeça daquelas normalistas que sonhavam com os rapazes do colégio dos padres que funcionava, e funciona até hoje, na quadra seguinte, em frente à igreja. Naquela época surgiu a lenda de um túnel secreto ligando os dois colégios. A imaginação da moçada era completada pelos boatos dizendo ser

para facilitar os encontros secretos dos padres com as freiras. Criaram-se muitas histórias que eram contadas nos intervalos das aulas em absoluto sigilo, fazendo o ouvinte jurar que diria jamais ter ouvido tal infâmia caso inquirido fosse.

Lá dentro o sistema era rígido, austero. As Irmãs Servas do Espírito Santo, a maioria oriundas da Alemanha, conduziam a escola com pulso de ferro. Eram figuras interessantes, com seu sotaque enrolado, seus hábitos longos na cor bege e um aparato azul- marinho na cabeça. Elas davam ao ambiente a seriedade necessária, mas também podiam nos surpreender com um sorriso afável e sua imensa bondade e generosidade. Por trás da rigidez daquele hábito havia quase sempre um coração aberto e generoso que nos acolhia com olhos meigos e fala pausada.

Lembro-me como era bom andar por seus corredores extremamente asseados e pontilhados por viçosas plantas e imagens de santos que convidavam à reflexão. A temperatura dos corredores sempre me causou curiosidade por ser extremamente fresca no verão, por mais calor que fizesse lá fora, e aconchegante no inverno, ainda que com as geadas e baixas temperaturas do Sul.

Lembro-me da noite em que minha mãe chegou em casa para me dar a notícia que me deixaria feliz da vida. Eram umas sete horas de uma noite de verão. Estava na casa de minha avó, que morava em frente. Já havíamos desligado o rádio, pois começava a “Hora do Brasil”. Ela chegou do trabalho e disse ter uma novidade para mim. Minha mãe começa dizendo ter estado num lugar para o qual

eu muito quisera ter ido um dia, que andando naqueles corredores sentira uma paz inexplicável e que sua vontade era de ali morar.

Eu, garota atenta, ansiosa, ouvia atentamente sem conseguir adivinhar do que se tratava. Apenas lembro-me dela dizendo:” - Você está matriculada no Colégio Santos Anjos. As aulas começam no dia primeiro de março.” O ano era 1972. Mal podia acreditar, pulei e abracei minha mãe enchendo-lhe o rosto de beijos. Tudo que eu mais desejava era poder frequentar a escola, aprender a ler e escrever. Minha amiguinha, filha da vizinha, um ano mais velha que eu começara a estudar um ano antes, fato que me causara uma crise de ciúmes e de autoestima.

As horas passadas naquele colégio são parte de um tesouro guardado a sete chaves. O som do sino de ferro que chamava para as aulas. A Professora, a primeira professora. Hoje, na idade adulta e também professora sei o quanto esta figura é importante em nossas vidas. A minha é uma figura doce e meiga que merece uma crônica só para ela a quem sou gratanão só por ter me ensinado as primeiras letras, mas por especial que era, Sônia Luiza Cabral. Eu a achava linda, a moça mais linda e inteligente que eu conhecia.

No ano seguinte, devido à demora de meus pais em renovarem a minha matrícula acabei ficando sem vaga e fui forçada a mudar de escola. Foi uma crise difícil de superar. Doeu muito deixar aquela escola cheia de cinamomos à sombra dos quais eu e minha colega Sandra dividíamos o lanche e imaginávamos um jeito de trazer um rádio de pilhas para a escola sem que a professora ou as irmãs percebessem. Doía separar-me da professora, deixar o parquinho

que podíamos usar depois do pré. Doía ir para uma escola pública “misturar-me com outras crianças” onde não conhecia ninguém. Estes eram meus argumentos, mas não houve jeito e tive que mudar à custa de muito choro e reclamação.

Quando passava em frente ao gigante e via os alunos entrando e saindo, ouvia o burburinho das salas, parava em frente à minha antiga sala na calçada e uma tristeza imensa se apoderava de mim. O gigante continuava em sua missão pela educação, pela formação dos cidadãos das gêmeas do Iguaçu.

Os anos se passaram, mudamos de cidade, fomos morar muito longe, meu irmão nasceu, logo meu pai morreu... a vida foi acontecendo, tudo de pior foi acontecendo. Minha mãe, viúva, quase sem instrução, sem dinheiro e com três filhos para sustentar nos dá o que pode com seu trabalho, mas não abre mão de uma coisa, a nossa educação. Graças ao seu esforço e coragem em pedir auxílio a todos os conhecidos influentes que tinha, graças a uma secretária sensível e à generosidade das irmãs-diretoras foi-me concedida uma bolsa de estudos e pude voltar a frequentar o “meu” colégio. Gratidão é pouco para expressar meu sentimento. Felicidade talvez seja a palavra.

Ao retornar, estranhei como as coisas haviam mudado. O hábito das irmãs havia encolhido, agora ia até os joelhos, o prédio havia passado por reformas, transformações, muitos dos colegas não estavam mais lá. Minha colega Sandra tinha outras amigas, outros interesses. Mas era muito bom estar de volta, poder sentir o chão dos corredores novamente sob meus pés.

Mais dois anos passei ali dentro, anos de crescimento, de lapidação, de desafios. Tive que aprender a me adaptar a um mundo que já estava muito distante daquela criança do primeiro ano. Estava em plena adolescência, cheia de medos, traumas e inseguranças e tive que aprender a conviver com outros adolescentes, alguns arrogantes e egoístas. Naquele tempo não se falava em bullying, mas senti na pele algumas vezes na saída das aulas, outras moçoilas rindo e debochando da minha simplicidade.

No último ano do Ensino Médio passávamos o dia todo na escola, fazia o terceirão do técnico em administração. Estudávamos muito, tudo era motivo para debate e discussão, mas também aprontávamos e nos divertíamos muito. Foram anos que valeram por muitos em experiência.

No dia da formatura lá estou eu, cabelo engomado de tanto spray, uniforme de gala, saia plissada azul-marinho, camisa branca impecável, grata azul-marinho, meia três – quartos branca e sapato preto, pronta pra receber o certificado, preparada para um vestibular que não viria, cheia de sonhos que se desvaneceriam. Era o fim da linha, nada mais a fazer ali, naquele lugar que eu amava tanto. A vida esperava do outro lado da muralha que nos protegia, nas calçadas de ferro e era preciso enfrentá-la.

Mais doze anos se passaram e a vida deu suas voltas, subiu e desceu montanhas, navegou entre praias e desertos e ancorou novamente no Vale do Iguaçu. Já professora formada, com experiência e cursos no exterior, membro de uma escola de

idiomas, dona de certo reconhecimento, encontro em uma reunião a irmã-diretora do meu antigo colégio.

Mais mudanças. Agora o hábito das irmãs já havia sido substituído pelo jeans e camiseta e aquele adereço na cabeça, eliminado. Jamais a reconheceria como irmã do Colégio caso não se identificasse. Dias depois fui convidada a lecionar no gigante, um convite que não esperava. Um novo desafio, turmas grandes, segundo grau, jovens barulhentos, cheios de idéias e ideais, com um dia fôramos nós. Dispostos a vender a alma por uma boa discussão, tal qual um dia eu também havia sido.

Manhãs sonolentas, eu acostumada a dormir tarde e levantar tarde, tinha que estar na escola às 7:30h, fazer a oração matinal e a reflexão com os alunos para depois iniciar minha pregação intelectual.

Manhãs de voz rouca, de pouca conversa com os colegas na sala dos professores, mas de sintonia com aqueles olhos à minha frente.

Manhãs de inverno frio, cheias do calor das salas de aula, do sorriso cúmplice dos alunos que logo no início me escolheram como amiga, companheira. Não foi nada difícil afeiçoar-me a eles, voltar ao meu tempo de colégio e reconhecer neles aquilo que comigo um dia se passou.

Seis meses depois os planos mudam e tenho que mudar de cidade. Vou, mas vou com saudades, com o coração pesado por ter que deixar de pisar naqueles corredores onde tanto da minha vida

ficou escrito. Até mesmo a caneta com a qual escrevo esta crônica, me foi dada de presente por uma aluna que lá deixei – Graciele, uma graciosa garota.

O gigante do alto da XV continua sua missão, engolindo gente todas as manhãs, prendendo-as em suas salas e porões, entre seus muros de pedra e alambrados, para libertá-los da ignorância, para devolvê-los à sociedade com olhos abertos para o mundo que espreita do lado de fora.

O gigante do alto da XV continua, mesmo nas noites de tempestade, velando silenciosamente pelo amanhã dos filhos do Vale do Iguaçu.

(Escrita em 29/01/1995 e revisada em 28/12/2014).